

Um Platão da era dos computadores

Há dez anos morria o filósofo tcheco Vilém Flusser, que renunciou nos anos 60 e 70, quando morou no Brasil, o declínio da cultura do livro e o fim da noção de autoria.

Nils Röllner

(Especial para a Folha de São Paulo)

Há dez anos morria Vilém Flusser num acidente de automóvel na Alemanha, próximo da fronteira tcheca. Ele voltava, em um 27 de novembro, de uma palestra em Praga, sua cidade natal. Naquele tempo Flusser desfrutava de grande prestígio como teórico da fotografia e da computação, e sua morte foi uma grande perda para a jovem ciência dos meios de comunicação alemã, uma disciplina que se move entre arte e ciência natural. Justamente Flusser, que emigrou duas vezes na vida e como filósofo também oscilou entre formas de pensamento, era fenótipo e emblema dessa disciplina. Até sua morte, fora alguém que discutia sobre temas atuais e que sempre tinha algo a dizer sobre tudo. O que despertava admiração, mas também ceticismo entre os teóricos alemães.

À primeira vista, tal ceticismo se justifica. Flusser desenvolveu, por exemplo, uma teoria sobre o telefone tendo em mente as péssimas linhas telefônicas brasileiras, com seus roncos e estalos que tanto dificultavam a comunicação nos anos 60.

Aparentemente, o pensamento de Flusser também teria dependido das rápidas transformações da tecnologia e já estaria obsoleto há muito tempo na era dos celulares e da internet. Porém é possível uma outra perspectiva sobre Flusser. Afinal, não é como filósofo que ele pesquisou sobre o telefone e a fotografia, a perguntar sobre uma verdadeira essência das aparelhagens.

Não, Flusser é um pensador das relações e, assim, um homem que interiorizou as transformações. A ele não importa o que é comunicado via telefone ou o que se pode ver numa fotografia; interessam-lhe, sim, as relações e a função criadas por uma tecnologia. Numa foto de jornal, é importante para ele a posição que um fotógrafo assume em relação a seu objeto. Ela é submissa? Arrogante? Realmente explora até o fim todas as relações possíveis? São questões críticas para quem é questionado por Flusser por ter orientado durante tanto tempo sua fotografia pelo retrato, em vez de mudar e testar posições.

Negócios de dia, filosofia à noite

Caminhar por diferentes posições marcou sua biografia. Em 1920, Flusser nascia em Praga. Ali estudou filosofia e de lá fugiu com a chegada dos nazistas. Enquanto pôde emigrar para o Brasil com Edith (sua futura esposa), todos os membros de sua família judia morriam nos campos de concentração. No Brasil, esteve inicialmente empregado em empresas de seu sogro. Durante os dias, faziam-se negócios, à noite filosofava-se, segundo ele descreve em sua autobiografia "Bodenlos" (Sem Chão, Frankfurt/Meno, 1999, Fischer Taschenbuch).

Era uma vida de desesperança, à beira do nada em termos de personalidade. Em 1960, decidiu filosofar profissionalmente. Debateu então sobre Heidegger com os membros do Instituto Brasileiro de Filosofia e lecionou filosofia da ciência na USP e na Faap, em São Paulo. Para ele, a ciência não era abrigo de eternas verdades, mas

sim dependente da cultura na qual está inserida. A história da ciência é, daí, uma teoria da relatividade que mostra como o entendimento do que é verdadeiro e falso se altera historicamente. Com essa tese, defendeu um engajamento em ciência e tecnologia e incentivou seus alunos a não se sujeitarem ("unterwerfen"), mas a projetarem ("entwerfen") eles mesmos suas máquinas.

Em 1972, Flusser deixou o Brasil, alegando ora uma, ora outra razão: medo da censura mas também sucesso demais na mídia, dizia ele, bem como tédio e anseio por novos desafios o teriam levado a tomar tal decisão. Entusiasmado com a pintura em cavernas que vê na França, Vilém Flusser esboça uma história cultural sob pontos de vista relacionados aos meios de comunicação.

Na pré-histórica Idade da Pedra os homens se asseguram de sua existência no mundo ("Dasein") pelas imagens nas cavernas; a partir da Antiguidade, pela escrita; e, desde sua invenção em forma de fotografia, por imagens técnicas. A pós-histórica era da imagem técnica guarda em seu âmago, crê Flusser, possibilidades utópicas. Ela pode levar ao desaparecimento da idéia de autoria, ao fim das emissoras estatais e ao próprio fim dos Estados nacionais.

Em todo caso, apenas uns poucos "desordeiros" vão se empenhar a favor de relações modificadas entre emissores e receptores. Os meios de comunicação prosseguem irradiando mensagens monológicas e implementam as idéias de poucos na mente de muitos. O desenvolvimento das imagens técnicas ocultaria possibilidades dialógicas que cabe tornar explícitas. Isso é o que se pode ler em sua "Kommunikologie" (Frankfurt/Meno, 2000, Fischer Taschenbuch) e no escrito "Ins Universum der Technischen Bilder" (Entrando no Universo das Imagens Técnicas, Göttingen, 2000, European Photography).

De sua residência em Robion, na Provença, Flusser viajou para numerosas conferências na Alemanha, nas quais exortava o uso dialógico dos meios técnicos. Desse modo, oferecia uma bem-vinda alternativa teórica às concepções pessimistas de Postman e Baudrillard.

No ano passado, foram lançadas as cartas de Vilém Flusser a Alex Bloch ("Briefe an Alex Bloch", Göttingen, European Photography). Elas evidenciam o quanto o próprio Flusser entrou em conflito com os limites entre os meios de comunicação. Suas teses sobre "a escrita", nas quais denuncia o declínio da cultura do livro e da figura do autor num breve futuro, diziam respeito à sua amizade de longa data e tantas controvérsias com Alex Bloch, uma personalidade indecifrável. Bloch envolveu-se em atividades ilícitas, foi temporariamente especialista em cimento, especulador na Bolsa de Valores e também livreiro que arranjava textos para Flusser.

A relação entre os dois tem força midiática explosiva. Flusser escrevia e pensava já esperando a crítica impiedosa que viria de Bloch: "Havia-se Flusser" trabalhado num livro ou escrito um ensaio. Esperava-se impaciente por Bloch, a quem se poderia ler aquilo em voz alta. Depois da leitura, Bloch punha o texto no contexto da "verdade" própria... Ele estava bem interessado no ato de escrever, pois isso era uma auto-análise. Mas publicar, para ele, era vaidade, coisa pela qual só tinha desprezo. Ele mesmo não precisava afinal escrever, já que faziam isso por ele". Bloch foi uma caixa de ressonância para Flusser, contribuindo decisivamente para a elevação da qualidade do que este publicava mas também mantendo desperta a consciência para a limitação midiática das posições assumidas na forma escrita.

A relação entre Bloch e Flusser lembra a histórica relação entre Sócrates e Platão. Sócrates é aquele que "não escreve"; Platão o faz por ele, que, como Flusser, esteve temporariamente ocupado como conselheiro político. Como Platão viveu na época limiar entre os meios do discurso e da escrita, também Flusser foi um pensador na época limiar entre a escrita e a codificação digital em computador. Se estamos falando de Sócrates e Platão, também não pode faltar aqui um Aristóteles. Platão era o homem das idéias, e Aristóteles criticou as teorias deste investigando os fenômenos em si mesmos.

Esse Aristóteles é Louis Bec, um amigo que põe à prova no computador as teorias de Flusser. O francês Louis Bec é diretor do Instituto Científico de Pesquisa Paranaturalista. Nessa função, pesquisa e classifica formas de vida digitais. São seres híbridos que preenchem formalmente critérios biológicos, porém dependem da corrente elétrica e da linguagem codificada dos computadores. Além disso, Bec desenvolveu, subsidiado pela então chamada Comunidade Européia, um projeto no qual possibilitou a deficientes físicos e pessoas sem residência fixa o acesso à internet. Juntos, Bec e Flusser escreveram o "Vampirotheutis Infernalis" (Göttingen, 1993, European Photography). Trata-se de uma ficção científica que descreve o comportamento sexual de um cefalópode previamente projetado no computador de Louis Bec e depois dotado de uma estrutura de pensamento desenvolvida por Flusser.

Se pensarmos, como Flusser, nos relacionamentos, não perguntaremos portanto o que um texto ou uma imagem significam, e sim quais relações existem entre autor, conteúdo e ambiente, podendo então falar de Flusser como um Platão da informática. Sua função pode ser definida como platônica no feixe de relações entre o Sócrates brasileiro Alex Bloch e o Aristóteles francês Louis Bec. Se no entanto perguntarmos sobre o conteúdo, aí a discrepância entre Flusser e Platão é insuperável. A teoria das Idéias de Platão baseia-se na crença de que o mundo estaria ordenado matematicamente. Flusser, ao contrário, é um cético dialógico. Ele considera a ordem um conceito mutante e com isso não pode fixar nenhuma idéia central no conjunto dos acontecimentos do mundo. De todo modo, há uma busca constante na obra de Flusser que oferece uma alternativa para o poder das grandes idéias. É a idéia do diálogo, e isso é uma antiidéia. O que ficou claro para ele quando ouviu ainda jovem, em Praga, Martin Buber. Este teria explicado, na época, que diálogo significa abertura. Isso exige a coragem de abandonar a própria posição.

Recapitulando-se vida e obra de Flusser sob esse ponto de vista, pode-se dizer que ele agia movido pelo desejo de um diálogo incondicional e sempre esteve consciente de que isso é uma tarefa interminável. Dedicou-se a ela ciente de que não poderia cumpri-la. O Arquivo Vilém Flusser na Kunsthochschule für Medien Köln (Escola Superior de Artes Aplicadas a Meios de Comunicação, em Colônia) empenha-se numa continuação do diálogo com Flusser. O arquivo possui, além de originais inéditos e da correspondência de Flusser em várias línguas, documentos em áudio e vídeo. Graças a um incentivo da Deutsche Forschungsgemeinschaft, o arquivo desenvolve atualmente um conceito para a "publicação intermeios", a fim de pesquisar a mudança midiática entre o pensar filosófico nas formas oral e escrita em texto, som e imagem.

Nesse sentido, destacam-se dois CDs com os discursos de Flusser: "Die

Informationsgesellschaft - Phantom und Realität" (A Sociedade da Informação - Espectro e Realidade) e "Heimat und Heimatlosigkeit" (Terra Natal e Falta de Terra Natal) (ambos da editora Supposé, de Colônia). Num trabalho conjunto com o grupo de artistas da Knowbotic Research, o mesmo arquivo também desenvolve agora estratégias para aproveitar os recursos da internet para a edição e distribuição de documentos audiográficos de Flusser. Dentro de algum tempo, os interessados poderão, assim, em São Paulo ou onde quer que estejam, extrair da rede de computadores documentos com a voz do pensador nômade. Assim Flusser estará contribuindo também postumamente para o diálogo entre as filosofias brasileira e européia.

Nota

Mais informações sobre o Arquivo Vilém Flusser podem ser encontradas na homepage www.khm.de

Nils Rölller é doutor em teoria da mídia e pesquisador do Arquivo Vilém Flusser. Tradução de Marcelo Rondinelli.

Folha de São Paulo. Mais! 16/12/2001